

# O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNOS E DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM: UMA PERCEPÇÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO

LIMA<sup>1</sup> Priscila Marcionila Silva de, UFRPE, pmsdl@yahoo.com.br.

SILVA<sup>2</sup> Amanda Kelly Ferreira da, UFPE, amandasilva19@gmail.com.

MAIA<sup>3</sup> Dalila Marina Oliveira, UFPE, dalila.omaia@ufpe.br

## Resumo

O presente estudo aborda o processo de alfabetização das crianças que têm dificuldades ou transtornos na aprendizagem. Este levantamento se deu através de um questionário online e teve como resultado um perfil dos professores que atuam na rede pública de ensino da cidade do Recife bem como suas práticas de ensino. Foi possível perceber que os professores possuem formações ao longo da sua carreira e que certamente contribuem para a identificação do problema aprendizagem existente no seu aluno, os mesmos utilizam todos os recursos disponíveis na escola como cartilhas, jogos pedagógicos, materiais didáticos entre outros disponibilizados pelo MEC. A avaliação do conteúdo ocorre na maioria de forma bimestral ou mensal, e quando não atinge o esperado os professores fazem revisão e atividades lúdicas para melhores resultados, quando necessário solicitam apoio à coordenação escolar, ou até mesmo às famílias.

**Palavras - Chave:** Alfabetização, Dificuldades, Práticas.

## Abstract

The present study addresses the literacy process of children who have learning difficulties or disorders. This survey took place through an online questionnaire and resulted in a profile of teachers working in public schools in the city of Recife as well as their teaching practices. It was possible to realize that teachers have training throughout their career and that certainly contributes to the identification of the learning problem existing in their students. They use all the resources available at school, such as booklets, pedagogical games, teaching materials, among others made available by MEC. The evaluation of the content occurs mostly on a bimonthly or monthly basis, and when not expected, the teachers review and play activities for better results, when necessary, request support from school coordination, or even families.

**Keywords:** Literacy, Difficulties, Practices.

## 1. Introdução

A leitura e a escrita constituem práticas reconhecidamente valorizadas no âmbito da sociedade, uma vez que os usos da linguagem remetem à possibilidade de participação social no partilhamento de um bem cultural que é a escrita.

A aquisição da leitura e da escrita se revela uma das formas de inclusão social, ao possibilitar que os sujeitos possam ter acesso à informação bem como ampliar seus conhecimentos.

A escola, como principal responsável pela aquisição da escrita, desempenha um papel fundamental nesse processo de aquisição da língua escrita, ao desenvolvê-la de forma sistematizada, dando sentido ao aprendizado da leitura e da escrita, por meio das interações sociais estabelecidas no contexto escolar.

Entretanto, algumas crianças costumam apresentar dificuldades para aprender a ler e a escrever sendo este problema manifestado e percebido no período da alfabetização, segundo Sternberg e Grigorenko (2003), as dificuldades de leitura e escrita são decorrentes de uma interação entre fatores biológicos, cognitivos e sociais.

Os fatores biológicos trazem consigo uma categoria mais definida de dificuldades podendo ser destacado a questão do TEA (Transtorno do Espectro Autista), síndrome de down, deficiência intelectual, TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade) entre outros que via de regra também trazem implicações e limitações para o processo de aquisição da escrita. Existem também as crianças que possuem dificuldade escolar, ou seja, são crianças que não tem dificuldades internas, inerentes ou falhas no funcionamento neurolinguístico e cognitivo, mas que por sua vez são resistentes à aprendizagem e que desafiam os professores bem como a escola. Nota-se que muitas dessas crianças que por sua vez tem suas limitações se encontram em um impasse com a escola visto que a mesma não tem uma proposta de ensino adequada para tais limitações ou dificuldades.

Quando a população por sua vez percebe este fracasso no aprendente acabam encaminhando para um profissional, sendo este um psicopedagogo que tem objetivo de traçar um perfil que identifique o problema, destacando as competências ou inabilidades que estão presentes, quais são os pontos fortes das crianças e acima de tudo ter uma hipótese diagnóstica para compreender em que categoria de problema ela se encaixa para melhor intervir e ajudá-las a aprenderem uma das aquisições mais importante e que é uma base para o

sucesso escolar, pois toda escolarização que vem posteriormente dependem de um bom processo de alfabetização.

É importante obter metodologias e tecnologias que ajudem neste processo visto que cada vez mais há uma demanda maior de crianças que sofrem com tais dificuldades de aprendizagem, como mostra o gráfico abaixo:

### *Gráfico 1 - Percentual de crianças de 6 e 7 anos que não sabem ler e escrever no Brasil de 2012 a 2021*



Fonte: IBGE/Pnad Contínua. Elaboração: Todos Pela Educação (BRASIL, 2021).

Essas e outras questões permeiam grupos de pesquisas, pesquisadores, professores, secretarias de educação de todo o Brasil. Portanto, entendendo que a temática de alfabetização é complexa e instigante, buscamos neste artigo refletir sobre o processo de alfabetização da rede pública de ensino com crianças que se encontram na faixa etária dos 04 aos 07 anos de idade, em especial com as que possuem dificuldades de aprendizagem.

## **2. Breve Histórico da Alfabetização no Brasil**

Atualmente é possível perceber através de um desenvolvimento de pesquisa nas últimas décadas em especial no Brasil onde os cursos de pós-graduação tem se expandido cada vez mais, e com isso grupos de pesquisadores têm enfrentado os problemas do Brasil com maior assiduidade, um deles a alfabetização, através disto foi constituído um corpo de conhecimentos bastante consistentes, nesse processo a alfabetização foi estudada em diferentes facetas, uma delas sendo a histórica, onde foi possível detectar a persistência de problemas nas dificuldades das crianças a aprenderem a ler e a escrever, e a dos professores a ensinar as crianças, segundo MORTATTI (2006) :

Em nosso país, a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, em torno dos quais, especialmente desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com "antigas" e "novas" explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública.

A alfabetização no início do século XIX tinha como objetivo se finalizar dentro de um ano, as crianças estudavam em cartilhas normalmente soletrando o 'B' a 'BA' mas modernamente chamado de método fonético, naquela época também era visto o método da sentencição que tinha por finalidade ensinar dando ênfase a sentença e por sua vez mostrar que a sentença é composta por um grupo de palavras constituída por sílabas e conseqüentemente por letras. No método da palavração que também era muito utilizado no tempo, os alunos deveriam aprender de forma mais isolada onde eles aprenderiam que existe uma palavra e a mesma é composta por sílabas e conseqüentemente por letras. Todos os métodos eram provocados pelo mesmo desafio que era terminar o ano sabendo ler e escrever com perfeição.

Neste contexto ainda havia naquele tempo uma problemática denominada período preparatório, onde as crianças seriam preparadas para iniciar a alfabetização já que não se acreditava que a criança tinha um potencial para aprender a leitura e a escrita com tamanha destreza, nesse período as crianças deveriam ser treinadas em coordenação motora, percepção visual, percepção auditiva e as questões de movimentos motores amplos e finos, segundo FRADE (2006)

Não se pode esquecer que, em geral, as possibilidades e limites de métodos de alfabetização estão ligados aos métodos de ensino que, ao serem produzidos paralelamente, dão ao ensino um ordenamento mais amplo e interferem em todos os conteúdos da instrução e formação. As relações entre as formas de organização do ensino, os paradigmas sobre o papel da escola e sobre o aprendizado vão repercutir historicamente em métodos de alfabetização: seja para reforçar alguns deles, seja para negá-los. (p. 21-40)

É possível perceber o fracasso das escolas públicas quando se trata da alfabetização, muitos alunos que já deveriam estar lendo nem se encontram com o conhecimento do sistema silábico, em especial as que precisam de alguma necessidade específica, seja por origem orgânica como transtornos do desenvolvimento, ou até mesmo por uma simples dificuldade na aprendizagem. A falta de assistência muitas vezes se faz presente e as dificuldades são imensas, isto vai desde uma família que não conhece seus direitos para busca de melhorias e mudanças, como também das instituições que negam tais situações a ponto de prejudicar ainda mais o desenvolvimento das mesmas, sabe-se da importância de concluir esta formação

com estes alunos, afinal de contas é a partir desta que poderemos progredir no âmbito escolar, a mesma quando vinda com um déficit causa grande impacto nos estudos que por sua vez nos faz regredir ou se questionar quanto nossa capacidade e isto pode ocasionar ainda mais problemas ao estudante.

### 1. 3. Alfabetização: uma questão de métodos?

Podemos classificar os métodos de alfabetização em sintético e analítico, onde no sintético pode-se subdividir em alfabético, silábico e fônico que por sua vez visam partir de unidades menores no processo de alfabetização, um exemplo básico seria através do processo alfabético onde a criança aprenderia primeiramente as vogais e posteriormente as consoantes podendo assim unir sílabas para chegar nas suas primeiras palavras com sílabas simples. O método alfabético ou de soletração é um dos mais antigos e há menções ao seu uso desde a antiguidade (ARAUJO:1995). No modelo silábico o início do processo de alfabetização se dá através das sílabas, onde a partir dos conjuntos silábicos será construído palavras mais simples e posteriormente complexas. No método fônico o processo se dá a partir da pronúncia das palavras, ou seja, falando a criança vai compreender a palavra e posteriormente irá se inserir na cultura da escrita.

Já partindo para o método analítico destaca-se a subdivisão em palavração, sentencição, e o global que por sua vez visam partir de unidades maiores no processo de alfabetização, como exemplo podemos destacar a palavração onde parte-se da palavra ou frases, ou seja, de uma unidade maior, a criança irá aprender as vogais e consoantes através de uma unidade já construída, diferente do método sintético alfabético. Ambos os métodos tracejam em caminhos da codificação e decodificação, ou seja, na alfabetização escrever é codificar e ler é decodificar.

No Brasil após os anos 90 obteve-se outra possibilidade que surgiu através dos Parâmetros Curriculares Nacionais que foi a proposta construtivista que tem suas características e que difere dos métodos sintéticos e analíticos, um exemplo está no que diz respeito à concepção da escrita, onde a mesma surge como uma representação, na análise crítica os métodos sintéticos, alfabético e silábico são métodos que trabalham com cartilhas e de forma engessada com os alunos sempre focado na memorização e repetição onde podemos citar a letra ‘ A ’ e logo será ligada para a palavra avião pois começa com a letra A, assim

também com a letra ‘ C ’ que será ligada para a palavra para casa pois tem sua palavra iniciada com a letra C e assim sucessivamente. Na proposta construtivista a escrita é um sistema de representação e a criança constrói o conhecimento sobre a escrita alfabética a partir das hipóteses que ela vai construindo e ao mesmo tempo que ela constrói ela vai evoluindo nesse processo, onde o professor servirá apenas como mediador neste processo.

#### 1. 4. Entendendo as Dificuldades e Transtornos de Aprendizagem

O processo de aprendizagem se dá no sistema nervoso central que por sua vez é influenciado por diversos fatores, as dificuldades de aprendizagem se dá por fatores externos ao sistema nervoso da criança, um exemplo claro seria no contexto onde o aluno está em uma sala com muitos alunos, onde o número de alunos irão interferir neste processo de ensino/aprendizagem. Se a sala é bem ventilada ou não, se a sala tem uma iluminação boa ou não, também são fatores influenciadores neste processo de ensino/aprendizagem, assim como o nível de motivação do professor em sala de aula.

Existe o fator família, como está o convívio da criança perante sua família, se os pais gostam de estudar, se estes incentivam a criança a ler, bem como a estudar. Há também os casos de conflitos na família onde os pais estão se separando, ou convivem juntos, mas há muita discussão no dia a dia, havendo violência doméstica. Não se deve esquecer ainda dos casos onde a criança apresenta dificuldade na visão, precisando usar óculos, ou apresenta dificuldades na audição, precisando consultar o otorrinolaringologista.

O Transtorno de aprendizagem se dará por fatores internos, ou seja, a criança tem alguma alteração no sistema nervoso central que por sua vez irá causar um dano no processo de ensino aprendizagem. Um exemplo é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que tem como característica o isolamento social, comportamentos repetitivos, Segundo Santos:

Autismo ou Transtorno Autista é uma desordem que afeta a capacidade da pessoa comunicar-se, de estabelecer relacionamentos e de responder apropriadamente ao ambiente que a rodeia. O autismo, por ser uma perturbação global do desenvolvimento, evolui com a idade e se prolonga por toda vida. Santos (2011, p. 10).

Outro exemplo é o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) que deve ser entendido como uma associação plena de dois grupos de grande relevância, que são: a desatenção, a hiperatividade e a impulsividade.

Loovis (2004) comenta:

É importante explicar que as crianças com TDAH são inteligentes como qualquer outra criança, contudo, caso demonstrem qualquer tipo de dificuldade em relação à aprendizagem precisam ser levadas em consideração outras comorbidades associadas ao transtorno como é o caso da dislexia, o Transtorno Desafiante de Oposição (TOD), Transtorno de Conduta (TC), Discalculia, Disortografia, dentre outros. (p 102)

A Dislexia, etimologicamente deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “lexia” (leitura, reconhecimento das palavras). Segundo Teles:

É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam tipicamente de um déficit na componente fonológica da linguagem que é frequentemente imprevisível em relação a outras capacidades cognitivas e às condições educativas. (Associação Internacional de Dislexia, 2003, cit. por Teles, 2009).

A Disgrafia, etimologicamente deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), ou seja, é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia.” (Torres & Fernández, 2001, p. 127). A

Discalculia, etimologicamente deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “calcular” (calcular, contar), ou seja, é “um distúrbio de aprendizagem que interfere negativamente com as competências de matemática de alunos que, noutros aspetos, são normais.” (Rebelo, 1998a, p. 230).

Os transtornos citados acima são para melhor entendimento ao leitor visto que são inúmeros os transtornos existentes e que não foram citados. Vale ressaltar que além do aluno apresentar transtornos de aprendizagem, pode acontecer das dificuldades de aprendizagem também se fazerem presente, onde a presença dos pais não existe, ou quando existem, mas há conflitos como a violência doméstica, ou até mesmo o não reconhecimento do filho. Os educadores neste contexto têm grandes desafios a serem vencidos e é fundamental a participação da comunidade escolar neste processo, um psicopedagogo, bem como uma equipe multidisciplinar se possível.

## 2. Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos a pesquisa qualitativa sendo esta de forma exploratória que tem como objetivo a compreensão das conjunturas que estão em trajetória, de acordo com Minayo (2004 p. 28, apud COLLATTO, 2009, p. 24) esse conjunto de dados considerados qualitativos corresponde a um espaço mais profundo das relações, não podendo reduzir os processos e os fenômenos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2004, p. 28).

Quanto aos meios de coleta foram utilizados um questionário online que alcançou um total de 11 professores da educação infantil e anos iniciais e que por sua vez participaram e participam do processo de alfabetização dos seus alunos que estão matriculados na rede pública de ensino do município do Recife e que se encontram na faixa etária dos 04 aos 07 anos de idade, em especial com as que possuem dificuldades de aprendizagem.

Trata-se de uma pesquisa relevante, pois contribui para a ampliação do debate acerca das dificuldades no ensino da alfabetização que tem sido modulada com o passar do tempo a fim de trazer melhorias mas que ainda traz questionamentos quanto à sua execução.

O estudo está estruturado da seguinte forma: No início faremos uma breve introdução acerca do assunto, logo após será explanado a metodologia, em seguida será exposto o desenvolvimento do presente estudo com seus referenciais teóricos, por fim será discutido os resultados bem como a análise de dados para posteriormente obter-se as considerações finais.

## 3. Análise e Resultados

Considerando os objetivos da pesquisa e os dados que foram coletados, a apresentação e análise dos resultados serão organizadas em considerando os procedimentos utilizados na pesquisa de campo.

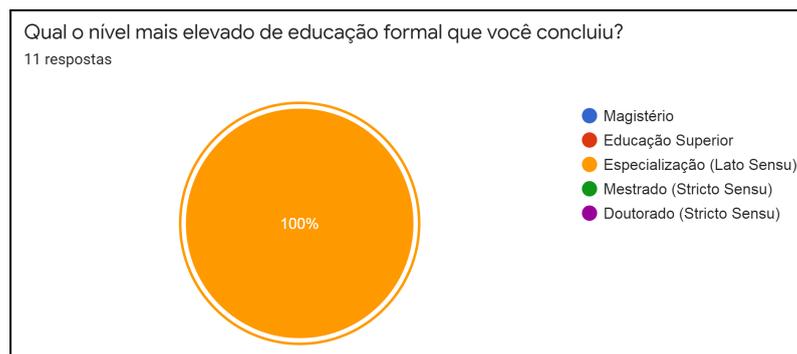
O questionário em formato eletrônico utilizado como instrumento para a coleta de dados ficou disponível, de 29 de fevereiro a 29 de abril de 2020, para preenchimento em um link no site do Google Forms. O link foi divulgado em grupos de *Whatsapp* e *Facebook* de professores do Recife para que docentes de diferentes escolas da Rede Municipal de Ensino do Recife pudessem acessar o questionário e respondê-lo.

A utilização do questionário objetivou: traçar o perfil dos participantes da pesquisa; identificar o trabalho realizado por professores das turmas de alfabetização da Rede

Municipal de Ensino do Recife e identificar e analisar as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos estudantes.

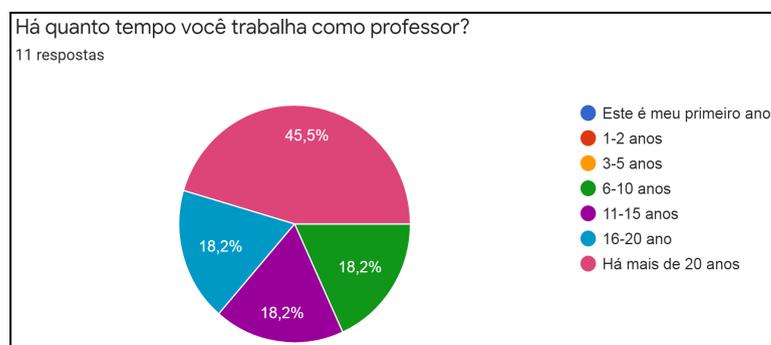
Na entrevista realizada, todos os professores entrevistados tinham em média de 40 a 60 anos de idade e informaram ter realizado algum curso de especialização ao longo da sua carreira profissional, como se pode ver no gráfico abaixo:

*Gráfico 1: Nível de educação formal dos professores*



Pudemos constatar através do gráfico a seguir que 45,5% trabalham como professor há mais de 20 anos, e 54,5% atuam entre 6 a 20 anos na carreira.

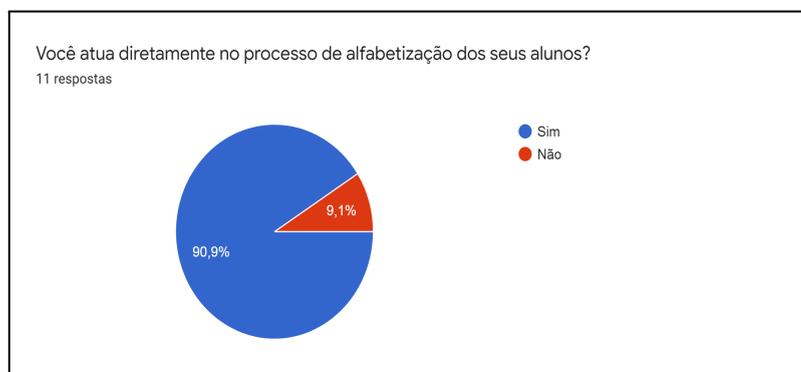
*Gráfico 2: Tempo de atuação como professor*



Um profissional com vinte anos de carreira denota que ao longo da vida se obteve uma vasta experiência e que tal experiência foi adquirida em diferentes contextos educacionais, seja ela de forma participativa contribuindo com a aprendizagem do aprendiz e consequentemente com seu desenvolvimento pessoal/profissional, ou de forma mais passiva exercendo sua função não levando em conta se o aluno aprendeu ou não. Foi possível observar nos professores entrevistados que atuam na rede pública de ensino do Recife que 9,1% não exerce função alfabetizadora de forma direta, contudo contribui neste processo de forma indireta com a utilização de materiais pedagógicos disponibilizados pela rede municipal

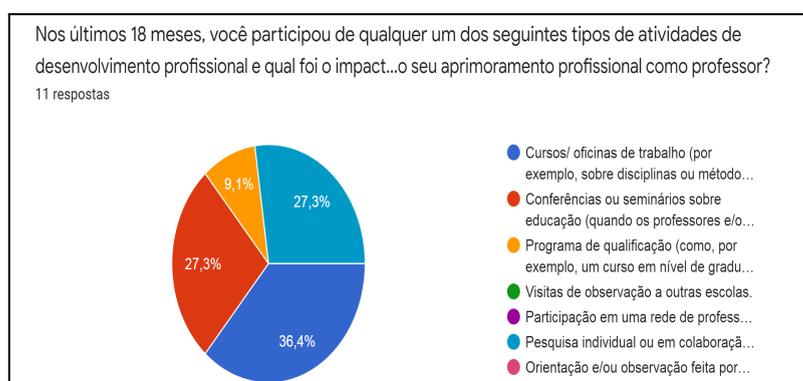
da prefeitura do Recife como por exemplo Palavra cantada entre outros materiais lúdicos. Sendo 90,9% os que exercem uma atuação de forma direta como mostra o gráfico abaixo:

### Gráfico 3: Atuação no processo de alfabetização



Todos os professores se mostraram presentes em capacitações a fim de melhorar sua prática docente, essas capacitações se deram através de cursos, conferências, oficinas programa de qualificação, pesquisa individual entre outros como mostra o gráfico a seguir:

### Gráfico 4: Atuação no processo de alfabetização

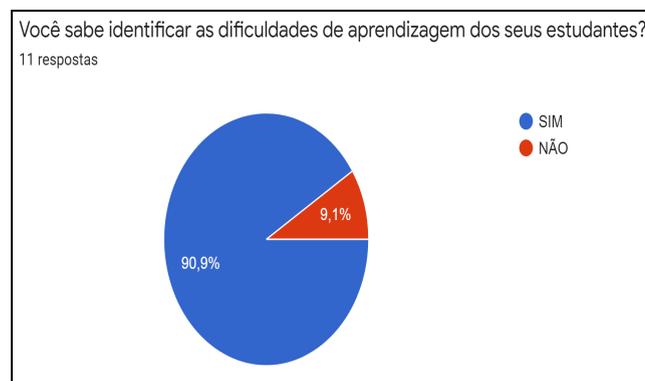


Em média, os professores entrevistados possuem de 20 a 26 alunos em sala, o que nos faz refletir sobre a qualidade de ensino que tende a ser precária devida a falta de atenção individual por parte dos educadores com cada um dos estudantes individualmente. Além disso, existe ainda a dispersão da turma devida a quantidade de alunos que em nada contribui, e o professor por sua vez tem uma perda de tempo maior na tentativa de organizar o ambiente.

Apesar do fato de todos os professores construírem conhecimentos complementares ao longo de sua formação, bem como sua prática docente, ainda foi possível perceber que 9,1% dos professores entrevistados não se sentem seguros na identificação do problema

aprendizagem que o aluno pode estar apresentando em sala. O gráfico abaixo mostra que 90,9% do total de educadores sabem identificar as dificuldades de aprendizagem de seus alunos.

### *Gráfico 5: Identificação de dificuldades*



Todavia sabe-se que isso não é o suficiente, já que os problemas ainda existem mesmo com a identificação do problema. É preciso que além de identificar o problema, haja métodos que possam de alguma forma chegar à compreensão daquele aluno com dificuldades de aprendizagem. Você já deve ter escutado que o aluno não aprende porque ele não quer, ou até mesmo que ele não aprende porque é ‘burro’, mas você sendo professor já se questionou como ensina? Sua aula é metódica? Você traz inovações para o contexto escolar?

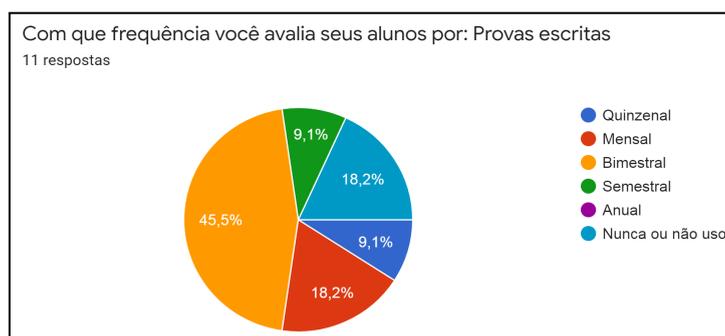
Crianças por si só costumam ser atraídas por pequenas coisas, sejam por músicas, filmes, danças, qualquer coisa diferente é novidade, não se precisa de muito para a aula se tornar interessante, você pode levar bexigas para sala e trabalhar o alfabeto contendo em cada uma delas uma letra diferente. Tudo que precisamos é entender que cada criança tem forma e maneira de aprender, cada uma deseja aprender, e você sendo professor tem a missão de compreender esse processo, não só identificando, mas traçando métodos bem como os executando para só assim obter resultados satisfatórios.

Sabemos que é fundamental a colaboração da gestão escolar neste processo visto que ela dará suporte ao professor, bem como ao aluno, mas também é imprescindível a participação da família, pois é ela que irá oferecer suporte a criança em casa. Sendo assim, torna-se questionável os casos nos quais não há suporte da escola ou até mesmo da família. Nesse contexto, deve-se ter em mente que o papel do educador precisa do apoio da gestão

escolar e da família, onde a ausência desses elementos não anula a execução dos métodos alternativos do ensino pelo professor, contudo o processo se tornará mais lento.

As frequências de avaliação de seus alunos se deram em sua maioria de forma bimestral alcançando 45,5%, o restante avalia de forma mensal, semestral, quinzenal, e ainda teve aqueles não utiliza dessa ferramenta com se ver no gráfico a seguir:

*Gráfico 6: Frequência de avaliação*



Segundo Luckesi (2005) o papel da avaliação é diagnosticar a situação da aprendizagem, tendo em vista subsidiar a tomada de decisão para a melhoria da qualidade do desempenho do educando. Diante disto foi possível observar que quanto aos professores entrevistados os mesmo quando identificam que o aluno não alcançou as competências trabalhadas é feito em sua maioria novas oportunidades de ensino e alguns deles também repassam em período de recuperação as competências não construídas a fim de construí-las, há também professores que não trabalham novas competências até que a maioria domine o que está sendo ensinado, todavia existem ainda educadores que apenas seguem com a proposta curricular, estejam elas construídas ou não pelos alunos, conforme o planejamento, como mostra o gráfico a seguir:

*Gráfico 7: Competências (a)*



A dificuldade de aprendizagem vem tomando espaço cada vez mais na sala de aula, sabe-se que o desenvolvimento dela se dá por vários fatores, seja por meio social onde o aluno está inserido, por causas emocionais, ou até mesmo orgânicas sendo esta originada por transtornos/distúrbios.

Quando perguntado aos professores que participaram desta presente pesquisa quais são suas atitudes frente a uma criança com dificuldade de aprendizagem, tivemos como resposta em sua maioria sendo 81,8% que há uma busca de todos os recursos disponíveis na escola para ajudá-la a aprender como sugestões de planos de aula, mídias de apoio, material pedagógico, livros didáticos, entre outros. Os 18,2 % responderam que há um encaminhamento para a coordenação pedagógica da escola, como podemos ver a seguir:

### Gráfico 8: Competências (b)



Observa-se que mesmo o professor encaminhado o aluno para a coordenação pedagógica da escola a fim de procurar intervenções maiores, nota-se a existência da intervenção dentro de sala utilizando os recursos cabíveis para cada aluno, o que é de suma importância no processo de alfabetização bem como ensino/aprendizagem.

De modo geral, os professores entrevistados demonstraram que ao longo da carreira realizaram formações a fim de contribuir no seu desenvolvimento profissional, informaram também que atuam na carreira em sua maioria a mais de 20 anos e estão ligados diretamente no processo de alfabetização. Os educadores sabem identificar as dificuldades de aprendizagem dos alunos, no entanto sabe-se que apenas identificar não é o suficiente, e com isso os professores realizam intervenções para possíveis melhorias no ensino/aprendizagem, seus resultados são vistos através das avaliações que podem ocorrer em sua maioria de forma bimestral ou mensal. Quando não alcançado os resultados esperados do aluno, segue-se com o

cronograma escolar e realizam-se atividades paralelas com todos os recursos disponíveis na escola, se necessário envolve-se a coordenação escolar para resultados mais satisfatórios.

### **Conclusões**

Os professores da rede pública do Recife que foram entrevistados têm se capacitado ao longo da sua carreira com o objetivo de melhorar sua prática de ensino, sabendo em sua maioria identificar a dificuldade de aprendizagem do aluno e realizando intervenções com os recursos disponíveis na escola. Os desafios desse processo de alfabetização partem desde origens sociais vinda de uma família desestruturada que por sua vez criam obstáculos emocionais. Existe também o desafio que parte de origem biológica onde a criança apresenta transtornos neurológicos que por sua vez dão origem a diagnósticos como Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), entre outros. Sabendo que existem alunos que possuem necessidades específicas, a atenção bem como a intervenção é fundamental para seu desenvolvimento acadêmico.

## REFERÊNCIA

ARAÚJO, M. C. C. da S. **Perspectiva histórica da alfabetização**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, (Caderno 367). 1995.

COLLATTO, Patricia N. de. **ABSENTEÍSMO NO BLOCO CIRÚRGICO DO HNSC: DESMISTIFICANDO O SENSO COMUM**. 2009. 39 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde. da Saúde, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciet/3133/2/TCC%20Patr%C3%ADcia.pdf>>. Acesso em: 29 Dez. 2019

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais**. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/658/469>>. Acesso em: 29 Jan. 2020

LOOVIS, E.M. Distúrbios Comportamentais In. WINNICK, J. Educação Física e Esportes adaptados. São Paulo A: Manole, 2004

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL**. 27/04/2006. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf)>. Acesso em: 29 Jan. 2020

SANTOS, Jose Ivanildo F. dos. **Educação Especial: Inclusão escolar da criança autista**. São Paulo, All Print, 2011.

STERNBERG, R. J. & Grigorenko, E. L. (2003). **Crianças Rotuladas: o que é necessário saber sobre as dificuldades de aprendizagem** (M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. Obra publicada originalmente em 2000.

TELES, P. (2009). **Dislexia: Método Fonomímico - Abecedário e Silabário**. Lisboa: Distema.

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. (2001). **Dislexia, Disortografia e Disgrafia**. Amadora: McGrawHill.